

# Problemas de gênero nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Física: questões e proposições



Amanda Dória de Assis\*

## Resumo:

O presente trabalho constitui-se como um relato de experiência que problematiza gênero na escola. Viso socializar algumas questões de gênero emergentes do contexto escolar e algumas proposições realizadas. O trabalho referido foi realizado em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre no ano letivo de 2018, com turmas do terceiro ano do Ensino Fundamental.

## Palavras-chave:

Gênero. Educação Física. Ensino Fundamental.

## Abstract:

The present work constitutes an experience report that I discussed gender. In addition to reporting a specific experience, I aim to socialize some gender issues emerging from the school context and possible propositions to be made. The referred work was carried out in a school of Porto Alegre Municipal School in 2018, with classes third grade of elementary school.

## Keywords:

Gender. School Physical Education. Elementary School.

## Considerações iniciais

A condição de professora de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre me convoca a muitos questionamentos sobre o meu trabalho, sobretudo, sobre as violências de diferentes ordens atreladas à classe, a gênero, à raça, à sexualidade. No Brasil, conforme o *Atlas da Violência de 2018*<sup>1</sup>, 80% dos homicídios são de negros/as, sendo 90% dos casos de homens negros entre 15 e 19 anos. Também é crescente o feminicídio: são 18 mortes de mulheres por dia. Além disso, o Brasil é um dos países que mais mata travestis e transexuais no mundo (CERQUEIRA *et al.*, 2018).

As mortes e demais violências explicitadas e silenciadas tem cor, gênero, idade e classe. A condição privilegiada de homem branco e heterossexual na sociedade patriarcal, coloca os sujeitos fora dessas marcas constitutivas, como negras/os, gays, trans, indígenas, em condições desiguais na sociedade.

Diante desse cenário, reconheço diferentes marcadores de desigualdade e violência. Entretanto, considerando o espaço limitado para tratar de tantas questões as quais merecem

\* > Doutoranda em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora de Educação Física na EMEF Chapéu do Sol (Porto Alegre/RS). E-mail: doria-amanda@hotmail.com.

1 > Produzido pelo IPEA e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

serem discutidas com responsabilidade e profundidade, abordarei neste trabalho questões relacionadas a problemas de gênero, em especial, gênero nas aulas de Educação Física.

Ao falar de gênero, refiro-me às construções sociais, que historicamente produziram atributos supostamente femininos às mulheres, e outros supostamente masculinos aos homens. Conforme Scott (1995), estudiosas e estudiosos têm empregado o conceito de gênero para se referir ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo; assim sendo, as identidades de gênero remetem-nos às várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade. Scott também chama a atenção para os aspectos em torno do poder ou poderes que emanam das relações e das construções simbólicas entre homens e mulheres em contextos socioculturais ou tempos, lugares e situações específicas. Conforme a autora, não é possível ignorar que no processo de atribuição de identidades está em ação um jogo de poder, tendo em vista que as identidades são constituídas no contexto da cultura, produzem-se em meio a disputas, supõem classificações, ordenamentos, hierarquias.

É importante ressaltar que compreender gênero como construção social não implica negar as diferenças biológicas, e sim, como nos alerta Louro (2000), entender que a partir das diferenças biológicas entre homens e mulheres outras diferenças e desigualdades são construídas.

Visto isso, compreendendo o quanto a construção de gêneros produziu também desigualdades, hierarquias e violências diversas; considero necessária a discussão desse tema. Assim, o presente trabalho constitui-se como um relato de experiência sobre uma proposta de trabalho que abordava gênero com turmas do terceiro ano do Ensino Fundamental. Viso socializar algumas questões de gênero emergentes do contexto escolar e algumas propostas de trabalho realizadas.

Para tornar mais compreensivas as questões abordadas neste trabalho, na sessão seguinte apontarei algumas considerações sobre o contexto do trabalho; em seguida abordarei fundamentações teóricas articulando com algumas questões que tenho problematizado na escola, em especial nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, etapa que atuo como docente de Educação Física desde 2013. Posteriormente, faço um relato de algumas propostas desenvolvidas com minhas turmas do terceiro ano do Ensino Fundamental.

## Contexto

Este trabalho foi realizado nas aulas de Educação Física com quatro turmas do terceiro ano do Ensino Fundamental, sendo que essas turmas têm em média 25 alunas/os. A escola pertence à Rede Municipal do Ensino de Porto Alegre e localiza-se no extremo sul de Porto Alegre. Essa instituição é composta por estudantes que estão à margem não somente geograficamente da cidade, mas também à margem dos serviços públicos necessários para uma vida mais digna; como saúde, assistência social, segurança, limpeza urbana.

Muitas/os alunas/os vivem apenas com as mães, conforme os dados cadastrais da escola e o fluxo das pessoas responsáveis que vão à escola; também são frequentes os casos de alunas e de alunos que já sofreram abuso sexual, além das outras tantas violências que essas/es estudantes sofrem diariamente por viverem em uma zona periférica da cidade.

É desse contexto que emergiram as reflexões e as propostas pedagógicas apresentadas na seção seguinte.

## Educação escolarizada e gênero: questões e proposições

A constituição das/os estudantes, como apresentada na seção anterior, já justificaria a urgência de tematizar gênero na escola. Contudo, além disso, me instiga problematizar a produção e reiteração de binarismos de gênero (feminino e masculino) na escola, em especial, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Trata-se de uma etapa de ensino que tem um coletivo docente composto majoritariamente por mulheres. Acerca disso, Costa (1998) entende que preceitos culturais tipicamente patriarcais contribuem para direcionar mulheres ao trabalho docente. Discursos religiosos, biológicos, pedagógicos se articulam a ponto de naturalizar a docência como “trabalho de mulher” (COSTA, 1998, p. 10). Acrescento que nos Anos Iniciais, etapa que trabalha predominantemente com crianças, esses discursos se potencializam ao se entrecruzarem com discursos sobre infância, e produzem atributos entendidos como necessários para alguém que trabalha com crianças, como ser amorosa e zelar pelo cuidado das crianças (ASSIS, 2019).

Além de ter a constituição do corpo docente marcado por ideais de gênero, há uma série de práticas normativas de gênero na rotina dos Anos Iniciais, como a realização de filas sexistas<sup>2</sup>; leituras de histórias de príncipes e de princesas; circulação de materiais pedagógicos supostamente de “menina” e/ou de “menino”; as mochilas de super-heróis dos meninos e as mochilas de princesas das meninas; entre tantos outros artefatos que acabam generificando o espaço dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nas aulas de Educação Física estas questões se atenuam. Durante muitas aulas percebo o quanto ainda é diferente o modo como meninas e meninos participam das aulas. Independentemente do que seja trabalhado, os meninos parecem mais encorajados a realizar as atividades, mesmo que não tenham mais competências motoras, físicas e cognitivas pra realizar de fato aquela atividade; compreendo que a sua identificação masculina parece conferir poder e confiança para realizarem as atividades propostas. Ainda, durante as aulas de Educação Física, percebo que muitas vezes os meninos vão ocupando maior parte dos espaços das aulas, enquanto as meninas ficam à margem, como se o espaço da Educação Física tivesse gênero: masculino.

As meninas, em contrapartida, demonstram muitas vezes mais dificuldade para realizar boa parte das aulas propostas, apresentando certos receios em se expor, necessitando de incentivo e encorajamento para fazer certas atividades. Exemplificando, ao propor uma atividade de equilíbrio, em que as/os estudantes precisam passar em um pé só por cima de uma corda, em sua maioria os meninos vão fazer, muitas meninas, todavia, vão pedir pra eu lhes dar a mão, pois ficam com medo de cair, ou vão dizer — antes mesmo de tentar fazer, que não conseguem. Em aulas com bolas, as diferenças se acentuam, as meninas mostram-se muitas vezes com receio de serem atingidas pela bola, fugindo da bola; enquanto os meninos disputam a bola, e por vezes brigam literalmente por ela, independentemente de ser um jogo de arremesso ou chute, eles parecem se disponibilizar mais para jogar.

Sobre essa situação e de outras similares, me parece que a construção do feminino, ou seja, atributos supostamente de menina — delicada, frágil — interpelam o modo como boa parte das meninas se posicionam e agem nas aulas de Educação Física. Enquanto os atributos masculinos — forte, destemido, corajoso — contribuem subjetivamente para maior participação de boa parte dos meninos.

Por conta dessas expectativas de gênero vinculadas a certas práticas corporais, não gostar de futebol, por exemplo, é algo que produz desconfiças por partes dos colegas sobre a masculinidade e a sexualidade dos colegas. Se um menino rebola nas aulas de dança ou participa de alguma brincadeira identificada como feminina, também será alvo de deboches.

2 > Em algumas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, as/os alunas/os esperam as professoras no pátio, em filas, sendo que em algumas escolas existe até um desenho no chão localizando não somente o local onde cada turma deve esperar, mas também o lado das meninas e dos meninos na fila.

Esses meninos que não se identificam com modo masculino de ser, acabam ficando meio sem espaço nas aulas de Educação Física. Por vezes, esses alunos são chamados de gays, por não gostarem de fazer algo supostamente masculino ou chamados de mulherzinha.

Nesses casos, se entrecruzam estereótipos de gênero e sexualidade, como se ambos tivessem necessariamente relação. Nesses casos, questiono: Não ser masculino implica ser gay? E se algum colega for gay, isso é um problema? Ser gay é ser inferior ou é motivo de deboche? Ainda, o que é ser mulherzinha? Ser mulher é ruim?

No cotidiano da escola parece que isso é naturalizado, são frequentes as piadas homofóbicas e os deboches para com feminino. Penso que cabe sempre questionar os/as alunos/as quando expressam esse tipo violência. Parece-me que nem sempre as crianças compreendem o que significa certas palavras que usam como xingamento, mas fazem por já relacionarem essas palavras há algo pejorativo, inferior. Um dos modos de mudar pré-conceitos é através do diálogo sobre essas questões. Questionar e instigar os/as alunos/as, desde os anos iniciais, a pensarem a partir daquilo que eles mesmos falam sobre gênero e sexualidade.

Em relação às aulas de Educação Física e a reprodução de desigualdade de gênero, ao compreender que não é natural que se crie diferenças entre meninos e meninas nessas aulas, mas sim uma construção cultural — entendo também que é possível mudar isso e pensar em novas apropriações da cultura corporal. Em especial, refiro-me em novas apropriações e significações a Cultura Corporal de movimento<sup>3</sup>.

Em relação a isso, Neira e Nunes (2009) nos instigam a pensar que é possível constituir o currículo da Educação Física como espaço para análise, discussão, vivência, resignificação e ampliação dos saberes relativos à Cultura Corporal. Ainda, os autores entendem que é necessário tensionar a homogeneização cultural que cria estereótipos e incentiva consumo de modos de ser (NEIRA; NUNES, 2009).

Nessa direção, tenho pensado em propostas que possibilitem às alunas e aos alunos problematizarem as representações femininas e masculinas atreladas às práticas corporais, as quais me parecem interpelar o modo como meninos e meninas participam das aulas.

Um dos modos que propus isso foi assistindo ao documentário *Joga que nem mulher*<sup>4</sup>, produzido pelo programa Globo Esporte da Rede Globo. Minha intenção foi dar visibilidade às mulheres no futebol, pois reincidentemente as gurias reclamam que não conseguem jogar bola no recreio. Assim, mesmo que o esporte não seja conteúdo a ser trabalhado no terceiro ano do Ensino Fundamental, entendi que é importante tratar dessa modalidade. Ao passar o vídeo, as meninas se manifestaram bastante, algumas comentaram que também já quiseram jogar bola, todavia ficavam com medo, entre outros receios. Ainda, mostrei vídeos de lances da Marta, melhor jogadora de futebol do mundo. Nas aulas práticas, trabalhei as habilidades de chute e propus mini jogos de futsal. Entendo que seja mais adequado para as crianças realizar pequenos jogos, pois assim elas podem tocar mais vezes na bola, proporcionando mais possibilidades de aprendizagem das habilidades.

Outro trabalho realizado para abordar gênero foi nas aulas de dança. Para tanto, utilizei o jogo eletrônico *Just Dance*, trabalhando com danças que apresentavam homens como dançarinos, visando romper com a imagem de que dança é coisa de menina. Além disso, trabalhei o clipe da música *Dona de Mim*, da cantora Iza, para tratar de empoderamento feminino, em especial das mulheres negras, conforme as histórias de vida que aparecem no referido clipe.

Do trabalho dessa música surgiu o interesse de algumas alunas em produzir cartazes com frases como “eu posso viver”, “eu posso jogar futebol” “eu posso tudo e você pode jogar vídeo game, faça a diferença garotas!”, “respeite as mulheres” — que posteriormente

3 > Enquanto componente curricular na escola, a Educação Física trata pedagogicamente de manifestações da Cultura Corporal de Movimento, sendo a dança, as brincadeiras, as lutas, as ginásticas, os esportes, as práticas corporais de aventura — algumas dessas manifestações a serem trabalhadas na escola.

4 > Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=qLbatO\\_zS78](https://www.youtube.com/watch?v=qLbatO_zS78). Acesso em: 16 dez. 2019.

foram apresentados durante uma apresentação de danças na escola. Os cartazes foram elaborados em parceria com a professora referência de uma das turmas do terceiro ano.

Além dessas propostas específicas, penso que é preciso agir cotidianamente, pois as violências de gênero são diárias. A respeito disso, em relação aos meninos, tenho compreendido que o ideal de masculinidade é um dos grandes limitadores não somente da participação das meninas, que se sentem inibidas perante os meninos, mas também um limitador de muitos meninos. Diante desta realidade, podemos tentar destituir os meninos dessa posição viril masculina, amparando-os quando se machucarem, por exemplo, e evitando falas como “meninos não choram!”, “parece uma guriuzinha!”. Será que os meninos também não se machucam? Então por que parecemos nos preocupar mais com que as meninas não se machuquem do que com os meninos? Não é um problema demonstrar que sente dor, demonstrar sentimentos ou pedir ajuda quando precisar. O que parece óbvio, por vezes precisa ser dito aos meninos e meninas.

Também destaco o quanto tem sido importante estabelecer relações com as professoras referências, pois parece bastante significativo para as/os alunas/os trabalhos feitos em conjunto. Trabalhar mesmo que isoladamente algumas questões, já faz a diferença, no entanto trabalhar coletivamente é ainda melhor. A constituição dos Anos Iniciais possibilita isso, pois são menos professoras, o que pode possibilitar maior proximidade e mais trabalhos em conjunto.

Em suma, em relação as propostas específicas da Educação Física, penso que trabalhar com vídeos e demais imagens tem possibilitado outras imagens literalmente, que não aquelas hegemônicas às práticas corporais. Ainda, penso que isso pode possibilitar o tensionamento dos estereótipos relacionados às identidades masculina e feminina de gênero e ressignificação da cultura corporal na escola.

## Considerações finais

Busquei sinalizar neste trabalho, a partir da minha experiência como professora de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, alguns problemas de gênero que têm chamado minha atenção no cotidiano da escola. Problematizei desde a constituição das professoras dos Anos Iniciais, até as desigualdades de gênero nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, relatei que tenho empreendido algumas ações, como dar visibilidade às mulheres em algumas modalidades entendidas como masculina, questionar os/as alunas/os quando se mostram preconceituosas/os, buscar articulação com as professoras referências a fim de trabalhar em conjunto essas questões.

Em resumo, os Anos Iniciais do Ensino Fundamental é uma etapa fortemente atrelada a problemas de gênero, em que as crianças aprendem não somente a alfabetização letrada, mas também a ler aquilo que não está escrito em nenhum lugar, que circula como normas na escola. Dessa forma, a partir das experiências aqui relatadas, também considero os Anos Iniciais um espaço potente para trabalhar questões de gênero, pois se trata da etapa inicial do percurso das/os estudantes na escola, e percebo as/os alunas/os desta etapa mais disponíveis que as/os estudantes dos anos finais para dialogar sobre essas questões.

## Referências

ASSIS, Amanda. Diferentes capacidades coordenativas ou diferentes experiências? In: FONSECA, Denise; MACHADO, Roseli (org.). *A Educação Física nos Anos Iniciais*. Porto Alegre: Sulina, 2019. p. 29-38.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* (coord.). *Atlas da violência 2018*. Rio de Janeiro: IPEA/FBSP, 2018. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=33410&Itemid=432](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432). Acesso em: 16 dez. 2019.

COSTA, Marisa. Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa (org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 37-68.

LOURO, Guacira. Corpo, escola e identidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

NEIRA, Marcos; NUNES, Mário (org.). *Praticando estudos culturais na Educação Física*. São Caetano do Sul: Yends, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.